

**O narrador digital:
o papel do *blogueiro* como narrador de fatos
nos diários pessoais da *Web***

Judy Lima TAVARES¹
Thomé E. TAVARES FILHO²

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir o papel desempenhado pelos *blogueiros* dos diários pessoais na *Web*, como narradores dos relatos publicados. Primeiramente, será apresentado o diário virtual – *blog*, suas características, alcance e tipologias, bem como o papel desempenhado pelo escritor de diário virtual – o *blogueiro*. Em um segundo momento, a partir do texto “O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de Walter Benjamin, serão apresentadas as similaridades entre o narrador oral estudado por Benjamin e o papel desenvolvido pelo *blogueiro*, estabelecendo comparações entre ambos e identificando o papel desempenhado pelo *blogueiro* como narrador da escrita íntima na *web*. Como metodologia foi adotada a pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, buscando levantar informações e dados para se estabelecer comparações entre o *blogueiro* e o narrador caracterizado por Benjamin.

Palavras-Chaves: *Blogs. Blogueiro* e Narrativa.

Abstract

This article aims to discuss the role of bloggers in personal diaries on the Web, as narrators of the published reports. First, you'll see the virtual diary - blog, its characteristics, scope and types, as well as the role played by the writer of virtual diary - the blogger. In a second step, from the text “The narrator comments on the work of Nikolai Leskov,” Walter Benjamin, will present the similarities between the narrator oral studied by Benjamin and the role played by the blogger, making comparisons between them and identifying the role of the blogger as narrator of intimate writing on the web. The methodology was adopted literature, exploratory, seeking to gather information and data to make comparisons between the blogger and the narrator characterized by Benjamin.

Keywords: Blog. Bloggers and narrative.

¹ Professora do Departamento de Comunicação da UFAM. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). judy@ufam.edu.br.

² Professor do Departamento de Teoria e Fundamentos da Faculdade de Educação da UFAM. Doutor em Psicologia pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. thometavares@hotmail.



Introdução

O *blog* tornou-se uma ferramenta popular entre os internautas, o qual possibilitou um espaço virtual democrático no qual o *blogueiro* pode publicar suas idéias, sejam de forma individual ou coletiva. Por trazer características peculiares no que se refere à ferramenta de comunicação, como a facilidade na criação do *blog* e na publicação de *posts*, instantaneidade de informações, interatividade entre *blogueiro* e visitante da página, os diários virtuais hoje já estão estabelecidos como espaços democráticos para exposição e discussão de pensamento, por *blogueiros* de diferentes temáticas.

Partindo dessa premissa, este artigo tem por objetivo apresentar o papel desempenhado pelos *blogueiros* de narrativas pessoais, a partir do referencial traçado por Walter Benjamin em relação aos narradores orais. Para tanto, inicialmente, serão apresentadas as características, alcance e tipologias dos *blogs*, focalizando ainda o papel assumido e desempenhado pelos *blogueiros* de conteúdo pessoal. A seguir, a partir do texto “O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de Walter Benjamin, serão apontadas as possíveis semelhanças entre o narrador oral e o *blogueiro*, estabelecendo comparações que permitam aproximar o *blogueiro* de diários pessoais do narrador oral apontado por Benjamin.

Os *blogs* e o narrador da *Web*

O *Weblog*³, *blog* ou diário virtual é uma ferramenta usada na internet, popularizada nos primeiros anos de 2000, para compartilhar idéias sobre temas gerais, específicos ou de cunho pessoal de um autor ou de vários autores, recebendo estes o nome de *blogueiro*. Conforme Carolina Frazon Terra (2008, p. 20), *weblog* significa diário de bordo na rede, no caso, na internet, sendo formada pela palavra inglesa *web* (rede) e *log*, esta última usada na navegação para classificar o diário de bordo de registro do cotidiano das viagens. Logo após seu surgimento, a palavra *weblog* foi simplificada para *blog*, sendo este o termo mais popularizado. Assim, *blog* tornou-se o diário virtual que compõe seu próprio ambiente, chamado este de *blogosfera*. Inicialmente, os primeiros *blogs* tinham semelhança com os *sites* comuns, com a diferença de ter uma lista de indicações para outros *sites* interessantes. A partir de 1999, com a criação de ferramentas de publicação como *Pitas* e *Blogger*, os *blogs* passaram a ter um formato específico dessa nova ferramenta (AMARAL; RECUERO; MOSTARDO, 2009, p. 28).

Os *blogs* podem ser de conteúdos diversos, não sendo mais possível classificá-los de forma simples como diários virtuais, já que os conteúdos discutidos nos *blogs* são bastante diversificados, incluindo política, economia, educação, comunicação, empresas, ciência, esportes, dentre outros. É uma nova identidade do *blog*, não apenas como espaço digital de confissão particular, mas sim também de publicação de idéias de interesse coletivo. Em busca de tentar estabelecer uma tipologia para os *blogs*, Alex

³ Os *blogs* fazem parte da Web 2.0, a qual é composta por um novo perfil de internauta, sendo este agora um interessado em não somente consumir informações, mas também ser uma fonte de consultas para os outros usuários da rede, surgindo assim ferramentas como fotologs, videologs, comunidades virtuais, listas de discussão, dentre outras formas que permitem que o usuário exponha seu pensamento sobre um determinado conteúdo e deixe disponível para outros usuários da rede.



Primo (2008) apresenta uma matriz de tipificação dos *blogs*, classificando-os como individuais ou coletivos, sendo que os individuais são subdivididos em pessoais ou profissionais; e os coletivos são subdivididos em grupais ou organizacionais (PRIMO, 2008, p. 125-126). Com essa matriz, é possível perceber que há uma amplitude de temas discutidos nos diários virtuais, por isso não é mais cabível classificá-los somente como diários virtuais, pois sua identidade é mais ampla e de uma multiplicidade de temas.

O termo *blogosfera* foi adotado para designar o ambiente de composição e existência dos diários virtuais. Uma página de *blog* tem como principais componentes:

- 1) o *template*, termo técnico adotado para definir o *layout* do *blog*;
- 2) a mensagem escrita do *blogueiro*, a qual recebe o nome de *post*.

3) os comentários deixados pelos visitantes do diário, os quais podem ser postados de forma identificada ou anônima e que acabam por contribuir em discussões acaloradas sobre a temática em questão.

4) os *blogrolls* (lista de *links*), espaços que fazem a indicação de outros *blogs*, e que acabam por valorizar o próprio *blog* do autor, de acordo com as boas indicações feitas.

Cabe aqui uma primeira reflexão sobre a importância do espaço dos comentários de um *blog*, sendo definido, segundo Primo e Smaniotto (2006), como “um dos recursos mais importantes para o desenvolvimento de conversações em *blogs*” (PRIMO; SMANIOTTO, 2006, p.04-05). É a partir dos comentários publicados que o *blogueiro* pode mensurar o alcance de sua mensagem, bem como o nível de conversação estabelecido, se está de acordo ou não com o que foi publicado, se gerou novas discussões sobre o *post* no mesmo *blog* ou em terceiros (esse último pode ser feito através da ferramenta *trackback* que permite saber se outro *blog* está comentando seu *post* original), dentre outras possibilidades. Dessa forma, podemos perceber que diferente de um *site* comum em que as informações são assimiladas pelo internauta sem maior interatividade, no *blog* a conversação se faz presente já que um *post* publicado é um diálogo em potencial.

Vejamos o exemplo do *blog* “Cérebro de barata”⁴ que ao completar um ano de atividades, o *blogueiro* publica uma mensagem em que faz referência a importância dos visitantes da página e, por consequência, dos comentários emitidos para a manutenção das atividades do diário. Eis um trecho do *post*:

Quero agradecer a todos os que visitaram o blog durante esse primeiro ano, todos meus amigos blogueiros e todos aqueles que comentam no blog, pois um comentário vale muito para um blog. Quero também agradecer, principalmente aqueles que acompanham o blog diariamente, seja acessando os favoritos ou pelo leitor RSS. Acredite sem vocês não teria o porque de manter o espaço constantemente atualizado.

A construção de um *blog* é uma tarefa bastante simplificada e rápida. Diferente dos *sites*, os quais exigem em sua construção um conhecimento um pouco mais especializado em lógica de programação e que gera um custo elevado por causa da contratação do provedor para hospedagem e do *webdesign* para criação e definição de *layout* mais adequado, os *blogs* podem ser feitos a partir do interesse de seus autores em escrever. O autor deve selecionar um hospedeiro gratuito que já possui modelos pré-

⁴ Disponível em <http://www.blogsilence.com>. Acesso em 20 de janeiro de 2009.



elaborados, os *templates*, e montar seu *blog* a partir do direcionamento dado pelo mesmo, escolhendo formato, fontes, fotos, dentre outros.

Na ausência de um contrato financeiro estabelecido, basta que se tenha um computador com acesso à internet e assim montar seu diário virtual de forma rápida e de custo quase zero, excetuando-se pela energia elétrica para manter o computador ligado e a deterioração da própria máquina. Essas facilidades contribuíram para o crescimento dos diários virtuais, em um curto espaço de tempo, trazendo à rede personalidades já conhecidas e outras totalmente desconhecidas, como é o caso da *blogueira* Analice, criadora do *blog* “Minha história de emagrecimento”, espaço em que compartilha com os visitantes da página informações sobre como perdeu peso, procurando incentivar novas pessoas no mesmo processo (MATOS, 2007, p. 52). A *blogueira* relata sua história para interessados no tema, tornando-se seus relatos públicos, fato que ocorre independente da mídia tradicional.

Com o exposto acima, percebe-se que criar um *blog* é uma atividade bastante simples e rápida, por isso há a proliferação de *blogs* em todo o mundo. No entanto, é preciso refletir que a quantidade de diários virtuais não é traduzida em qualidade no que vem sendo veiculado na rede, sendo importante o levantamento de discussões sobre o papel do *blogueiro* e sua necessidade de expor, na *internet*, conteúdo de caráter íntimo e pessoal.

O *blogueiro* é quem escreve para compartilhar suas idéias e emoções em rede. Escrever em um diário virtual exige de seu autor uma mudança de concepção entre o público e o privado, já que no *blog* tem-se a oportunidade de expressar-se sobre um tema geral, específico ou particular, segundo suas crenças, valores, ideologias, para seu círculo pessoal e/ou profissional, ou ainda, para desconhecidos. Uma característica dos *blogs* é a publicação de textos livremente, sem censuras de editores, sendo este o motivo da adoção dessa idéia por tantos internautas. Contudo, fica evidenciado o desejo do *blogueiro* em receber comentários dos visitantes dos *blogs* para ter um aval/credibilidade. De forma paradoxal, escreve-se no *blog* para ter liberdade na escrita, mas são esperados os comentários dos visitantes aprovando ou não a mensagem postada (NICOLACI-DA-COSTA; DI LUCCIO, 2007, p. 671-678).

O *blogueiro* é autor e editor da notícia divulgada, tendo mais autonomia e não ficando refém de cortes de terceiros, cabendo-lhe construir e filtrar sua história contada. Embora os *posts* sejam também complementados pelos comentários dos visitantes, ele continua a ser o discurso principal de seu autor, sem censura. Em outras palavras, ele depende dos comentários para uma construção coletiva de idéias, mas só existe a partir dos *posts* publicados.

No ambiente da *blogosfera*, é preciso destacar ainda o que é escrito, o que é dito, o discurso presente em um *blog*. O conceito de discurso relaciona-se a uma apropriação da linguagem por um emissor, conferindo a este um papel ativo, que o constituirá como o sujeito da ação social, conforme Eduardo Manhães (2006 p. 305). É através dos *posts* que o internauta pode reagir de formas diferentes: ler, concordar e não emitir nenhum comentário; ler, concordar e comentar; ler, discordar e comentar; ler e passar indiferente ao discurso, dentre outras possibilidades. A verdade é que não há uma única descrição para o comportamento do visitante da página. Seria ingenuidade classificá-los como indiferentes somente porque não deixaram comentários ou ainda chamá-los de



participativos por deixarem comentários no *blog*, uma vez que é comum o comportamento do autor, entre amigos e conhecidos do mundo real, pedir a eles para publicarem comentários, tirando assim a espontaneidade do processo. Essa é uma dinâmica específica das relações na *Web*, podendo trazer reflexos das relações sociais estabelecidas na realidade do internauta (MARTINO, 2007, p. 175).

O narrador oral de Benjamin e o narrador da escrita íntima da *Web*

No texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, escrito por Walter Benjamin, o autor aponta sobre a predominância da narrativa oral em relação a simples veiculação de informação, pelo fato da narrativa conter elementos experienciais de seu narrador e que trazem uma certa construção artesanal do que vai ser contado, diferente do processo inerente ao discurso “sobre alguma coisa” veiculado em uma notícia impressa (BENJAMIN, 1994, p. 57-73). A partir dessa premissa, serão apresentadas as principais discussões propostas por Benjamin no que se refere ao papel do narrador oral.

Inicialmente, Benjamin afirma que a reprodutibilidade de uma narrativa não é técnica e sim oral, sendo este meio imprescindível para que ocorra a perpetuação da narrativa, afinal, as narrativas contadas precisam ocorrer para não ficarem retidas em seus autores. É interessante observar que anteriormente Benjamin escreveu o ensaio “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” (em período anterior ao ensaio sobre o “Narrador”) no qual criticava a reprodutibilidade técnica presente na fotografia e no cinema, a qual, segundo o autor, acabava por destruir a aura presente nas artes mais tradicionais da época, como a pintura e a escultura. Nesse caso, Benjamin criticava a reprodução em série das artes plásticas, ao contrário do que o autor valorizava nas narrativas orais, enfatizando a necessidade de reproduções orais para que a mesma permaneça existindo.

Caracterizando a produção de Walter Benjamin, de forma sucinta, é importante perceber que apesar de ter desenvolvido seus trabalhos no início do século XX, seus textos trouxeram profundas reflexões sobre o surgimento das novas tecnologias de sua época e as mudanças proporcionadas pela inserção das tecnologias na forma de produção de imagens na sociedade. Todo o arcabouço de análise desenvolvido por Benjamin, no século passado, permite novas análises voltadas agora para o espaço da *Cibercultura*, como por exemplo, o trabalho desenvolvido por Cláudio Cardoso de Paiva (1999), o qual analisa o ambiente da internet a partir dos livros de Benjamin. Ou ainda, a pesquisa feita por Renata Gonçalves (2010) sobre o pensamento de Benjamin e o cinema na modernidade.

Trabalhando especificamente com o texto sobre o narrador, Benjamin evidencia a necessidade de distância e de proximidade, em momentos diferentes, entre o observador e o objeto observado, para que dessa forma haja uma melhor compreensão do que ocorre em sua totalidade. Ao afirmar isso, ele exemplifica com o próprio estudo realizado sobre Nikolai Leskov quando afirma que “descrever um Leskov como narrador não significa trazê-lo mais perto de nós, e sim, pelo contrário, aumentar a distância que nos separa dele” (BENJAMIN, 1994, p. 57). A ênfase na distância também é anunciada no momento em que Leskov apresenta o narrador como um indivíduo que



vem de longe, que viaja e tem muito o quê contar, trazendo narrações sobre terras distantes, como o camponês e o marinheiro, sendo tidos como viajantes no tempo e no espaço. Talvez aqui a distância seja vista como um elemento que aguça o imaginário de quem ouve, alimentando esse fascínio pelas informações não conhecidas sobre lugares e experiências não vividas, e que foram superadas pelo narrador, podendo criar assim uma aura em torno do mesmo.

Em seguida, Benjamin (1994) aponta o ensaio não mais para a distância entre o narrador e o objeto observado e sim para a existência do narrador local, aquele que narra suas experiências vividas em comunidade. Esse narrador é o homem que dá instruções ao ouvinte, que dá conselhos sobre a agricultura, trazendo uma certa utilidade em sua narrativa (BENJAMIN, 1994, p. 59). Nessa perspectiva, a aura do exótico, do mistério, da distância anteriormente enfatizada é posta em outro plano para dar espaço a uma relação mais simples e genuína entre narrador e ouvinte, podendo fazer com que o próprio ouvinte torne-se também um narrador.

Com o exposto acima, há um foco maior para a necessidade de continuidade das narrativas, fazendo com que ela seja parte da comunidade a que pertence. Voltando às críticas do próprio Benjamin em relação à reprodutibilidade técnica, se enfatiza a característica da narrativa em permanecer existindo a partir da reprodução de suas histórias e não do isolamento entre narrador e ouvinte. Para Georg Otte (2009, p. 05), “no momento em que os ouvintes se distanciarem da narrativa oral, momento em que a narrativa se tornar intocável devido a uma aura distanciadora, ela deixa de existir”. Em outras palavras, sem reprodução não há narrativas, ela se perde dentro do narrador.

Benjamin enfatiza a qualidade das narrativas em seu caráter artesanal, diferente da informação contida na imprensa. Enquanto esta é produzida intencionalmente de modo a disseminar uma determinada notícia, a narrativa é construída no cotidiano do marinheiro, do camponês, dos membros da cidade; é construída a partir do simples relato de quem conta sua experiência e não a partir de um objetivo previamente estabelecido. São os relatos marcados pelas circunstâncias anunciadas em cada narrativa que trazem o narrador e o ouvinte para um ambiente em comum, espaço esse marcado pela experiência de quem viveu algo em uma realidade. Na discussão da experiência, Benjamin aponta uma superioridade da narrativa em relação aos romances, tidos como uma produção solitária de seu escritor, ocasionando ainda um isolamento do próprio autor, do protagonista da história e do leitor, relação diferente da narrativa que permite um compartilhar simultâneo da história entre narrador e ouvinte, permitindo que o ouvinte torne-se também um narrador à medida que constrói nova narrativa com outros ouvintes.

A narrativa pode ser oriunda de uma experiência real ou inventada pelo narrador, dependendo mais da incorporação de elementos que permitam que narrador e ouvintes compartilhem de uma ideia coletiva ou do desejo de se viver uma determinada experiência. Assim, podemos entender a narrativa como um simulacro, uma representação da vida real que de acordo com Otte:

É uma ‘mentira’; o segredo de uma boa mentira, no entanto, está no fato de haver ‘circunstâncias’ que a vinculem a ‘experiência’ e que a tornem verdadeira enquanto representação bem-sucedida desta experiência. (OTTE, 2009, p. 06).



Nesse ínterim, é a experiência real ou simulada que faz com que a narrativa contada torne-se elemento comum entre o narrador e ouvinte, podendo criar uma aura integrativa entre ambos, mas que não pertence somente a eles, uma vez que a cada nova narrativa feita, outros elementos passam a fazer parte desse processo. A isso, Benjamin chama de “mão do oleiro”, já que a narrativa oral é modelada de acordo com os desejos do narrador, do oleiro.

Partindo do ensaio de Walter Benjamin, a seguir serão comparados os papéis desempenhados pelo narrador oral e pelo *blogueiro* de diários íntimos na *Web*, identificando as similaridades existentes entre as narrativas construídas no ambiente real e no virtual. Cabe aqui a ênfase para o tipo de *blogueiro* analisado, aquele que escreve diários pessoais, sobre seu cotidiano, suas experiências, de conteúdo mais íntimo, diferente dos que direcionam sua escrita para conteúdo de interesse coletivo.

A primeira similaridade encontra-se no fato das narrativas orais precisarem ser contadas e não ficarem retidas em seus autores. O *blogueiro* também possui essa necessidade, uma vez que os *blogs* pessoais precisam ser alimentados por relatos da experiência de seu criador para assim cumprirem seu papel de narrador de alguém que tem o que contar; que viveu uma experiência que merece ser compartilhada com seus leitores virtuais. A diferença é que enquanto na narrativa oral se não houver seu exercício contínuo, ela deixa de existir, nos *blogs*, se não houver novos relatos, eles poderão deixar de ser tema de interesse para os visitantes de sua página. A informação não deixa de existir, mas pode não mais circular entre os visitantes da página, pois deixará de ser novidade. A *internet* possui a característica da instantaneidade e efemeridade de informações, sendo necessária uma constante atualização do que se publica em rede, e isso inclui os *posts* dos diários pessoais.

A identidade do blogueiro

Outra semelhança refere-se à identidade do *blogueiro* como um indivíduo que vem de longe e que passou por experiências que podem e devem ser tornar comuns com os visitantes da página. Semelhante às características propostas por Benjamin ao referir-se ao narrador, podemos encontrar no *blogueiro* um indivíduo dotado de um conteúdo surgido a partir de uma experiência, a qual não surgiu necessariamente de uma viagem, superando distâncias geográficas do mundo real, mas que são oriundas de experiências reais ou imaginárias, do *blogueiro*. Seja verdadeiro ou fictício, o relato merece ser contado para os visitantes do *blog*. Nesse sentido, podemos ainda identificar o simulacro, a experiência verdadeira ou inventada pela mão do oleiro. Exemplo disso pode ser verificado no *blog* Viagens da Luísa⁵, no qual a *blogueira* o define como espaço para relatos de suas viagens. Em um de seus *posts*, a *blogueira* compartilha de sua alegria ao enxergar o sol em uma manhã de inverno.

Hoje, sábado, em pleno Inverno de rigor, o dia amanheceu com Sol, não radioso, mas o suficiente para alegrar os corações e apelar ao passeio a pé, que é das coisas mais baratas e agradáveis que há (para mim)! E aí vamos desta feita para o Parque da

⁵ Disponível em <http://www.blogsilence.com>. Acesso em 20 de janeiro de 2009.



Cidade, saindo ao de leve do habitual rio e mar, quasi, porque o parque estende-se até ao mar... E palavras para quê??? Aí estão as fotos do Parque no Inverno com um Sol algo frouxo, as últimas que aqui pus, em Maio, eram do Outono.

Assim como o marinheiro, o camponês, os membros da cidade constroem suas narrativas a partir de suas experiências, sem objetivo de alcance informacional previamente estabelecido, o *blogueiro* de diários íntimos relata seu cotidiano, suas experiências marcantes, sua intimidade sem ter, necessariamente, a intenção de levar a informação a uma determinada pessoa; ele simplesmente relata. Pensar no papel desempenhado pelo escritor de diários virtuais pode trazer respostas paradoxais, pois há o *blogueiro* que escreve para ele mesmo, usando os *blogs* somente como espaço de uma auto-reflexão e desabafo, mas há ainda aqueles que trazem marcas de um exibicionismo já que há visitantes de *blogs* interessados na vida alheia, o que André Lemos caracteriza como “autoficção narcisística, reconstrução identitária, expressão de individualidades”. (LEMOS, 2009, p. 01).

Em sua obra, intitulada: *Psicopatologia: Teoria e Clínica*, Berret (2006), classifica o Exibicionismo como um dos transtornos da personalidade incluso nas Estruturas Neuróticas do sujeito que necessita de auto-afirmação. Geralmente, sujeitos assim tiveram problemas no desenvolvimento integral de sua personalidade, que não desenvolveram estágios vitais para a integração do “Eu”, que na interpretação teórica de Erik Eriksson (apud BEE, p. 263), tarefas inacabadas acumuladas podem gerar frustrações futuras e sentimentos de estagnação. Assim, o Exibicionismo se constitui num Mecanismo de Defesa de auto-afirmação do Eu, o que caracteriza uma personalidade desajustada e megalomaníaca.

E por fim, podemos identificar o compartilhamento simultâneo de história entre o narrador e o ouvinte, no caso, o *blogueiro* e o visitante da página. Se a narrativa oral permite a sua continuidade a partir do momento em que a narrativa é contada e recontada, nos *blogs*, os *posts* vão crescendo a medida que os visitantes deixam seus comentários que acabam complementando a mensagem publicada, iniciando um processo de estabelecimento de redes sociais e construção coletiva do conteúdo ali discutido. No *blog* Caixa do Júnior⁶, um simples *post* sobre a apreciação do *blogueiro* pela cerveja resulta em vários comentários dos visitantes da página expressando suas opiniões sobre o tema.

A cerveja é um bem necessário e vital ... Sobre estar no meio dos intelectuais ou músicos naquela época, não precisava disso. A Margareth fez um comentário logo acima do seu e disse o que acontecia A gente tava perto de todos eles. não é como hj. sempre havia alguém que conhecia alguém que conhecia alguém a gente encontrava com eles nas pizzarias nos cafés e a gente sabia de tudo o privilégio é ter vivido, simplesmente.

Completando esse pensamento, Maria Cristina Palma Mungoli (2002) afirma que assim como adotamos as palavras de outras pessoas, também adotamos discursos narrativos de outrem, incorporando-os ao nosso. Para a autora, “os atualizamos, os

⁶ Disponível em <http://caixadojunior.blogspot.com>. Acesso em 26 de fevereiro de 2009.



impregnamos e os empregamos com a nossa intencionalidade, integrando-os ao nosso enunciado individual” (MUNGIOLI, 2002, p. 55). Assim, fica explícita a construção da narrativa oral ou nos *blogs* entre os indivíduos envolvidos, *blogueiro* e visitantes, inclusive na adoção de idéias presentes no discurso inicial.

Resumindo as principais idéias do ensaio proposto por Benjamin, Mateus Rocha (2009), aponta três condições fundamentais para que as narrativas ocorram, a saber: a experiência contada via relato deve ser assunto comum entre narrador e ouvinte; a experiência presente na atividade artesanal é semelhante à construção da narrativa e, por fim, a aplicação da narrativa contada na vida da comunidade. Fazendo uma comparação com a atividade do *blogueiro*, podemos assim identificar que as três condições se fazem presentes: o assunto em comum é o que une *blogueiro* e visitante da página, a construção do *post* também é atividade artesanal e não produzida em série. Cada *post* publicado deve ser novo e único em conteúdo. E, para finalizar, os temas postados podem ser aplicados no cotidiano dos visitantes das páginas, à medida que a informação seja comum e de interesse entre todos.

Considerações finais

Este trabalho possibilitou levantar discussões a respeito do papel exercido pelo *blogueiro* como um narrador de histórias que são criadas, contadas e recontadas por aqueles que fazem uso dos espaços dos *blogs* de conteúdo pessoal. Essas discussões permitem ver o *blogueiro* como alguém que tem relatos que podem alimentar a imaginação do visitante da página a partir da identificação com o conteúdo publicado. Dessa forma, é possível estudar os *blogs* não somente como objeto de expressão do *blogueiro*, mas também como espaço necessário para a construção de narrativas entre *blogueiro* e o visitante da página a medida que os *posts* são alimentados por comentários.

Com essas semelhanças traçadas, é possível perceber que apesar do ensaio feito por Walter Benjamin tratar do narrador oral, as características entre ele e o *blogueiro* de diários pessoais são bastante próximas e reforçam a relação existente entre quem conta uma história – seja ela no mundo real ou virtual; ou ainda, surja ela do real ou do imaginário, e quem a ouve ou lê. Para quem narra, fica estabelecida a aura de quem tem o quê contar, que é dotado de conteúdo que merece ser compartilhado com os demais e permite que seus ouvintes ou leitores façam parte da construção de novas narrativas, no campo real ou virtual. Isso nos possibilita afirmar que os diários virtuais trazem elementos presentes no mundo real da oralidade, mas adaptados a publicação digital na *Web*.

Referências

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel, MONTARDO, Sandra (orgs.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento editorial, 2009.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica.** Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BEE, Hellen. **A Criança em Desenvolvimento.** São Paulo: Editora Harbra, 2006.

BERGERET, J. **Psicopatologia: Teoria e Clínica.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

GONÇALVES, Renata. **Walter Benjamin e a importância do cinema na modernidade.** Disponível em <http://www.docstoc.com/docs/21530158/WALTER-BENJAMIN-E-A-IMPORTANCIA-DO-CINEMA-NA-MODERNIDADE> Acesso em 23 abr.2010.

LEMOS, André. **A Arte da Vida. Diários Pessoais e Webcams na Internet.** in Cultura da Rede. Revista Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002.

MANHÃES, Eduardo. Análise do Discurso. In: DUARTE, J. ; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação.** 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Estética da comunicação: da consciência comunicativa ao “eu digital”.** Petrópolis: Vozes, 2007.

MATOS, Maria do Carmo Rocha. **O acaso do discurso, o discurso do acaso: práticas de escrita de si nos blogs.** Dissertação de mestrado. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2007.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. **Apontamentos para o estudo da narrativa.** In: Comunicação & Educação, nº23, janeiro/abril de 2002, São Paulo. (p. 49-56).

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; LUCCIO, Flavia Di. **Escritores de blogs: interagindo com os leitores ou apenas ouvindo ecos?.** Psicologia Ciência e Profissão. v. 27, p. 664-679, 2007.

OTTE, Georg. **O narrador sem aura ou pensando a reprodutibilidade oral em Benjamin.** Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_02/ale02_go.pdf. Acesso em 12 fev.2009.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Experiência e comunicabilidade na era do virtual.** In: Revista da Famecos, no. 10, junho de 1999, Porto Alegre. (p. 104-116).

PRIMO, Alex. **Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera.** In: Revista da Famecos, n.o 36, agosto de 2008, Porto Alegre. (pp 122-128)

PRIMO, A. F. T.; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs Insanus.** Compós. v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006.

ROCHA, Mateus S. **Walter Benjamin e o Roje Playing Game.** Disponível em <http://www.rederpg.com.br/portal/modules/news/article.php?storyid=2279>. Acesso em 14 out.2009.

SCHITTINE, Denise. **Blog:** comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TERRA, Carolina Frazon. **Blogs corporativos:** modismo ou tendência? São Paulo: Difusão, 2008.